

CAPÍTULO III – PENSAMENTOS-FORMAS DISTORCIDOS

Claude Rathburn era inegavelmente divertido quando se esforçava para agradar. Muitas moças ingênuas, incapazes de enxergar além da máscara exterior, haviam se deixado fascinar pelo sorriso dele. Aos olhos da Sra. Remington, seu principal atrativo residia na posição interessante de herdeiro da fortuna dos Rathburn. Marozia estava irritada com ambos naquela noite, e a alegria inicial de seu retorno ao lar acabou sendo ofuscada. Ela queria passar a noite com o pai e — bem, tentava não ser desrespeitosa com a mãe, nem mesmo em pensamento, mas não havia qualquer laço de afinidade entre elas. Viviam em planos diferentes — muito distantes um do outro. O pai a compreendia; conhecia cada mudança de humor e antecipava cada pensamento dela.

“Por que você o trouxe aqui esta noite?”, perguntou ela à mãe enquanto tirava o chapéu. “É perfeitamente natural que ele queira cumprimentá-la ao chegar em casa. Você sabe que ele é muito apegado a você e eu gostaria que você o tratasse com o respeito que ele merece.”

“Teria sido suficiente, mamãe, que ele tivesse me recebido na estação e me acompanhado até a carruagem ou acenado em despedida enquanto papai e eu fazíamos nosso pequeno passeio pela estrada da colina!”

“Pois brinque com a situação, se quiser, mas logo descobrirá o que significa ficar sem carruagem ou qualquer meio de transporte. Pode parecer divertido agora, mas espere só! Logo perceberá o que as atenções de Claude Rathburn significam para você!”

“Mamãe, elas não têm absolutamente nenhum significado para mim. Eu lhe disse, no ano passado, que não o encorajaria, pois ele não é o tipo de homem que admiro. Papai é o meu ideal e, quando eu encontrar um homem de alma nobre como ele — cuja natureza se harmoniza com a minha, cujos objetivos e

propósitos se fundem aos meus —, talvez eu seja capaz de amar. Até lá, quero ser deixada em paz.”

“Imagino que você tenha lido alguns romances tolos, nos quais o amor é apresentado como o fim e o objetivo da existência.”

"Quando você se deparar com a vida real, descobrirá quão pouco isso conta."

Marozia voltou seu olhar límpido para o rosto da mãe por um instante, e uma profunda tristeza surgiu em seus olhos. "Mamãe, nunca concordaremos nesse ponto; por favor, encerre o assunto." Em seguida, virou-se para entrar na sala de visitas.

Apesar de seu desapontamento e desagrado, a Sra. Remington sentia um orgulho secreto da graça e da compostura de Marozia. Seu jeito era encantador em sua simplicidade despreziosa, e sua voz, grave, doce e bem modulada. Não havia nela aquele arrastado afetado que a pseudoaristocracia do vilarejo considerava um sinal de distinção de classe.

“Agora ela vai superar as garotas Watson!”, pensou ela, com um frêmito de euforia. Elas haviam sido o seu padrão de comparação no passado — para grande desgosto de Marozia, que detestava as suas afetações esnobes. Ela enxergava além das poses e fingimentos delas, mas sua mãe via tudo apenas através da névoa de seus próprios pensamentos-formas distorcidos.

Marozia não irradiava aquele brilho nem demonstrava o entusiasmo habitual quando conversava. Tampouco se esforçava minimamente para agradar. A Sra. Remington, contudo, compensava essa postura. Ela estava sempre atenta, pronta para direcionar seu ardor radiante à reserva de Marozia e para neutralizar qualquer sátira sutil a que a jovem pudesse recorrer em um momento crítico. "Nunca se sabe o que Marozia fará ou dirá a seguir", pensava ela, enquanto

circulava Claude Rathburn, zelando pelos interesses imaginários dele com vigilância ciumenta. Seus esforços despertavam o desprezo de Marozia.

“Que ridículas a Mamãe e eu estamos parecendo”, pensou ela, com um desdém crescente. Sabia que a mãe estava ficando irritada com os lampejos esverdeados que lhe faiscavam nos olhos. Mas Marozia já não se importava; nunca se importava quando as pessoas ultrapassavam certo limite. A cada instante, ela se tornava mais provocante em seu desdém insolente — seu desdém por aquelas gentilezas excessivas. Enquanto a mãe sorria radiante, ela se fechou em uma postura gélida e, quando finalmente Claude Rathburn se despediu, seu estado de espírito não era nada promissor para as pretensões dele. Ela sabia o que esperar quando a mãe a seguiu até o quarto.

“Bem, devo dizer, nunca vi uma garota como você!”

Marozia detestava discussões acaloradas. Considerava-as totalmente ineficazes. Ela respondeu calmamente:

“Provavelmente não.”

“Você se vangloria da sua teimosia? Age como se tivesse orgulho do seu jeito peculiar.”

“Não posso dizer que sinto qualquer emoção a respeito disso.”

“Bem, você tratou o Claude com muita grosseria esta noite. Seus comentários sarcásticos foram horríveis: depois de ele ter sido tão paciente com suas ações contrárias. Poucos homens teriam esperado um ano inteiro para uma garota se decidir como ele fez, especialmente quando ele poderia escolher entre elas. Ora, todas estão loucas por ele!”

“Bem, eu desejo de todo o meu coração que ele se desfaça de um pouco dessa bondade angelical e leve todas elas para Salt Lake City e se case com todas! Então eu poderia ter permissão para viver em paz em casa.”

“Marozia Remington!”

“Perdoe-me, mamãe, mas vamos deixar de lado esse assunto angustiante! Prefiro falar do tempo — ou dos bebês da Sra. Peter — de qualquer coisa, na verdade, exceto de Claude Rathburn e de suas ‘vantagens’!”. A última palavra foi dita com uma careta de escárnio.

“Ora, não consigo entender uma moça como você!”

“Concordamos que não existe outra como eu neste planeta, então não é de se admirar que a senhora não me compreenda. Na verdade, nem eu mesma me entendo.”

A Sra. Remington virou-se com raiva e deixou a filha sem um carinho de boa-noite. Marozia compreendeu, então, aquilo que sentira vagamente na infância. Viu a disparidade irremediável entre elas e reconheceu que as separava um abismo de eras. Sabia que a mãe não conseguia enxergar a verdade com um olhar límpido; a visão seria sempre distorcida, turva e confusa pelas aberrações cromáticas e esféricas de sua visão imperfeita. Não se tratava de pontos de vista diferentes ou de paralaxe alterada, mas de lentes distorcidas da alma.

Apesar da pouca idade, Marozia sabia que a harmonia — uma verdadeira harmonia de fundo — seria impossível. Ela percebia que sempre fora um espinho na vida de sua mãe, uma mulher mundana. A primeira vez que se deu conta disso foi em sua infância solitária, num dia triste em que seu cabelo se recusava a formar belos cachos como os de Viola Watson, insistindo, em sua obstinação rebelde, em voltar ao seu estado natural: liso e brilhante como cetim, rente à cabeça. Num acesso de irritação, sua mãe disse que ela bem poderia ser

uma indígena, ficar em casa e viver na floresta. Naquele dia, ela foi deixada para trás — uma criança desamparada e solitária —, enquanto a mãe partia sozinha para a viagem que tanto despertara o desejo daquele coração infantil.

Naquele dia, despertou a primeira hostilidade vaga e sombria. Ela subiu em uma cadeira, postou-se diante do espelho sobre uma cômoda alta e encarou sua imagem refletida com um ódio ardente. Bateu com as mãozinhas no cabelo liso e brilhante, num gesto de desprezo desafiador.

“Fique liso, então — não me importo mais — nunca mais vou me importar! Eu odeio você de qualquer jeito, Marozia Remington! Quem dera você não tivesse nascido, juro!”.

Então, ela fugiu para o bosque — lugar ao qual, segundo sua mãe, ela pertencia — e, a sós com as árvores que sussurravam, chorou convulsivamente, extravasando toda a sua revolta apaixonada. Esse foi o início da ruptura. O ponto crítico ocorreu quando ela se recusou a corresponder às atenções ardentes de Claude Rathburn. Entre esses dois extremos de comportamento rebelde, passaram-se anos de convivência tensa, durante os quais nenhuma das duas conseguia se adaptar à mentalidade da outra.

A atitude de Marozia em relação a Claude Rathburn foi mais do que uma decepção para a Sra. Remington. Ela desejava ardentemente que o jovem fosse bem-sucedido em sua corte à filha. Sua ambição voltava-se inteiramente para as aparências grandiosas, os triunfos sociais e a prosperidade material. Em sua cidade natal, New Haven, ela fora uma jovem muito admirada e disputada, e nunca se conformou com o destino que a levara àquele vilarejo primitivo. É verdade que ela era a “senhora da Villa” — a mais bela propriedade rural daquela região do estado — e que, até a maré da fortuna virar contra ele, seu marido, Ralph Remington, fora a figura de maior destaque do condado.

Agora, devido a uma série de reveses, ele não passava de um professor da escola local, e o círculo social dela havia encolhido drasticamente em importância e influência. Para ela, não importava que as dificuldades financeiras decorressem da alma nobre e generosa de seu marido, incapaz de negar ajuda a quem passasse necessidade ou enfrentasse dificuldades.

Ele via a si mesmo como um administrador que guardava, em benefício de outros, a riqueza que lhe chegava às mãos; assinava inúmeras notas promissórias que acabava tendo de pagar e financiava diversos projetos para ajudar o próximo a alcançar seus objetivos. Sua fortuna foi se esvaindo aos poucos, mas ele, com sua paciência serena, sempre acreditou que ela seria restaurada, caso fosse justo que ele a possuísse e utilizasse.

Ele vivia tão imerso em seu belo mundo interior que a prosperidade material não passava de um mero detalhe na jornada da alma. Para a Sra. Remington, porém, ela representava a vida inteira.

Quando Claude Rathburn, filho do empreendedor e capitalista, surgiu no vilarejo, ela saudou sua chegada com alegria secreta, assim como muitas mães ambiciosas que tinham filhas em idade de se casar. Quando ele escolheu Marozia como alvo de suas atenções extremamente lisonjeiras, a Sra. Remington mal conseguiu conter a alegria. Sua mente fervilhava de planos ambiciosos quando Marozia, com frieza, desferiu o golpe de misericórdia em suas esperanças ao decidir atender ao desejo do pai e passar o ano estudando em Utica.

Seguiu-se uma cena tempestuosa. A Sra. Remington sabia que havia outras moças atraentes entre as conhecidas de Claude e, por isso, tentava manter sua influência sobre ele. Ele era convidado para a Villa sempre que os negócios do pai o traziam à região, e alimentavam-se grandes expectativas quanto ao seu sucesso futuro. Naquela noite, porém, muito do trabalho parecia ter sido

arruinado pela atitude de Marozia em relação a ele. Portanto, Marozia precisava ser disciplinada.